NASCIMENTO, Fernanda Cunha. SALLES, Nara. **Lavinia violada: o direito do estado sobre o corpo feminino**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas – PPGArC/ UFRN; Mestranda; CAPES/ CNPq. Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas – PPGArC/ UFRN; Professora-Orientadora.

RESUMO: O presente trabalho é produto de uma investigação sobre a personagem Lavinia, da tragédia shakespeariana *Titus Andronicus* (1591 - 1592), e como sua violação destrói seu valor simbólico perante a comunidade. Para analisar simbolicamente a violação e o silêncio de Lavinia na obra, utiliza-se os estudos de Cristiane Busato Smith (2009) e David Alexander Bernard (2012). Busca-se um paralelo entre o universo dramático e a contemporaneidade sobre a necessidade do corpo feminino controlado. Além disso, por meio da análise dramática e da vivência de estar no mundo enquanto mulher, surge a perspectiva de uma dramaturgia caracterizada pela potencialização do corpo feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Lavinia, Feminino, Dramaturgia.

RÉSUMÉ: Le présent article est le produit d'une enquête sur le personnage de Lavinia, de la tragédie shakespearienne *Titus Andronicus* (1591-1592), et comment sa violation détruit sa valeur symbolique pour la communauté. Pour étudier symboliquement la violation et le silence de Lavinia dans l'œuvre, sont utilisées les études de Cristiane Busato Smith (2009) et David Alexander Bernard (2012). Un parallèle est recherché entre l'univers dramatique et la contemporanéité sur la nécessité du corps féminin contrôlé. De plus, à travers l'analyse dramaturgique et l'expérience d'être dans le monde comment une femme, se pose la perspective d'une dramaturgie caractérisée par l'autonomisation du corps féminin.

MOTS-CLÉS: Lavinia, Féminin, Dramaturgie.

No dia 04 de janeiro deste ano recebi o e-mail abaixo que me obrigou, pela força do encontro, a me refazer. Fui impelida a encarar a tragédia *Titus Andronicus* (1591 – 1592) durante o processo do Laboratório da Cena dos Clowns de Shakespeare realizado anualmente na cidade de Natal, Rio Grande do Norte.

From: Fernando Yamamoto

Caros companheiros,
Esperamos que todos tenham tido um bom Natal, e que o mesmo aconteça na virada do ano. 2017 há de ser melhor, e que o Laboratório já seja um bom indício disso.

Encaminhamos anexo um manual de boas vindas, com informações mais detalhadas sobre o Laboratório, e algumas dicas para ajudar os que vêm de fora. Pedimos especial atenção à parte das atividades que devem ser feitas antes da chegada de vocês!

Em anexo também vai o primeiro material que iremos trabalhar, o texto Titus Andronicus, de Shakespeare, com tradução da Bárbara Heliodora. Conforme as instruções indicadas no manual em anexo, ficamos esperando até o dia 2 de janeiro que vocês nos enviem de volta algum material que este texto tenha os inspirado, para que enviemos o restante do material inicial que vamos trabalhar aqui, ok?

Nos vemos em breve!

Clowns de Shakespeare

A primeira tragédia de Shakespeare foi o alicerce para as construções cênicas e dramatúrgicas do processo laboratorial que culminou no experimento cênico “Se essa rua fosse minha”, dito isto, é preciso retornar ao momento do primeiro contato, pois às vezes as obras nos causam uma grande comoção à primeira vista, muito semelhante ao amor. No dia 04 de Janeiro de 2017 eu experimentei, pela primeira vez, o sentimento de horror à primeira vista.

O clima de impiedade e o cheiro de sangue se anunciam desde o primeiro ato quando os irmãos Bassanius e Saturninos disputam entre si o trono de Roma e o amor de Lavínia, além disso Titus retorna a sua pátria com a maior parte de seus filhos mortos após a vitória sobre os Godos, e pretende lavar a honra destes com o sangue do filho mais velho de Tamora, rainha do povo vencido. Titus assassina o filho da rainha, ignorando suas súplicas. Saturninus assume o trono e, apesar da benção de Titus para desposar sua filha, Lavínia decide casar-se com Bassanius, por amor. O novo imperador Romano depõe então Tamora. Eis então o prenúncio de um grande infortúnio recairá sobre os Andrônicos. Ao final do primeiro ato eu tive a certeza de que cada página virada, assim como ocorre em *Macbeth*, seria carregada pelo peso de muitos corpos mortos. Entretanto, somente ao fim da primeira cena do segundo ato eu experienciei um sentimento de hediondez que me obrigou a parar.

Ao leitor que desconhece a obra, explico: No início do ato II, Chiron e Demetrius, filhos de Tamora deferem ofensas um ao outro, pois ambos desejam Lavínia. Ao ouvir tal desavença, Aaron, mouro amado pela rainha, aconselha ambos a “que o que não podem ter como queiram/ precisam conquistar como puderem” (II, i). Assim, o mouro defende que em vez de desposar a moça, deveriam estuprá-la, pois assim ambos poderiam possuí-la sem de fato ela

pertence-lhes. E aconselha-os a violentarem Lavínia na mata, pois a “mata é implacável, surda e muda”.

Aaron nomeia Lavínia como “linda corça”. Como se, ao compará-la ao animal, os filhos de Tamora fossem autorizados a retirar-lhe a dignidade humana. De onde vem esta certeza do homem de poder possuir uma mulher da mesma forma que se abate um animal?

O estupro como o único recurso frente ao desejo por Lavínia, representa para David Bernard (2011), a drástica regressão da dicotomia de gênero imposta à posição feminina. O modelo de um sexo único, contemporâneo a época de Shakespeare, segundo o autor, sugere deveres e atributos às mulheres que eliminam sua capacidade de ação especialmente frente à influência masculina.

No período contemporâneo a Shakespeare, segundo Thomas Laqueur (2001), ainda era muito forte a crença do modelo de um sexo único derivado das teorias clássicas de Aristóteles de que as mulheres eram versões imperfeitas dos homens, sendo assim sua subjugação seria virtuosa e justificável. Partindo desta teoria, o sexo feminino seria um desvio do padrão masculino.

Nesse contexto cujo masculino é visto como norma, onde impera uma ordem patriarcal, as mulheres são relegadas a um papel subordinado, onde o estupro poderia ser compreensível. Patricia Crawford e Sara Mendelson (1998) descrevem a natureza das relações de gênero da Inglaterra da idade moderna quando postulam que “O homem era a medida de todas as coisas, e as mulheres eram um desvio da norma, o ‘outro’” (p.18).

Quando o homem é colocado como medida central, seu desejo é naturalizado. Assim naturaliza-se e correlaciona-se o desejo sexual masculino sobre as mulheres com a ordem social patriarcal. De certa forma, se justifica então a posição feminina passível ao desejo masculino nos trabalhos de Shakespeare.

Lavínia é um reflexo desse discurso que inviabiliza a ação feminina, pois muito embora esteja presente nas ações em grande parte do espetáculo, sua capacidade de fala lhe é retirada logo após o estupro. Chiron e Demetrius matam Bassanius e estupram Lavínia sobre o corpo do finado. Após a violação, cortam-

lhe a língua e as mãos para que ela seja incapaz de revelar o ocorrido ou quem a profanou. Assim Lavínia, pelo menos em primeira instância, é destituída da capacidade de denúncia e seu pai Titus, e seu tio, Marcos, desconhecem o abecedário da sua dor, condenando-a ao silêncio.

Antes de continuarmos é preciso voltar atrás e estarmos atentos a uma referência feita por Aaron. Quando sugere que os filhos de Tamora estuprem a filha de Titus, o mouro a compara a Lucrecia dizendo que “Nem Lucrecia, eu garanto, era mais pura/ Que essa Lavínia (...)” (Il. i). O mito de Lucrecia é um dos mitos fundadores da República Romana e segundo Cristiane Busato Smith (2009), “ilustra a importância simbólica do corpo feminino purificado que traz a harmonia e prosperidade de volta à Roma” (p. 153).

Assim como Lavínia, Lucrecia, segundo conta o mito, fora estuprada, entretanto, para não ferir a honra do esposo, ela se suicida. Seu corpo morto e violado é então exibido em uma procissão comandada pelo seu esposo. A população se comove e ele ganha apoio dos cidadãos de Roma para destronar Tarquínus, o estuprador. A violação de Lucrecia simbolizaria o caos de Roma e sua morte é sacrificial e devolve a paz a cidade e funda a República.

Essa fórmula que relaciona o corpo da mulher à ordem do Estado também se aplica a Lavínia. Desde o primeiro momento em que Bassanius e Saturninus a disputam, essa lógica é demonstrada. Primeiro os irmãos disputam pelo poder de Roma e logo em seguida, disputam a jovem, equiparando-a assim ao Estado. Ao negar-se a ser esposa de Saturninus, o novo imperador, Lavínia desestabiliza a ordem, permitindo Tamora assumir o trono, iniciando-se o conflito da trama. A vingança da rainha culmina no estupro de Lavínia. Estuprada, Lavínia perde seu valor simbólico para a sociedade, como aponta Smith:

Destituída de suas castidade, e tendo seus braços e língua decepados, Lavínia é condenada a dor e ao silêncio. Não mais uma filha virginal, tampouco uma esposa / viúva casta, Lavínia perde o seu valor primordial numa sociedade essencialmente patriarcal. De um ponto de vista simbólico, portanto, Lavínia “pura” é importante para a sociedade romana como um emblema de “castidade sacralizada”. (SMITH, 2009. p. 150)

Ao ser violentada, Lavínia deixa de representar o ideal feminino da época. Pois, como aponta Barbara Baines (1998), “a virgindade, significada pelo hímen, é ‘um membro’ que literalmente ‘encarna’ a castidade, tornando assim uma

virtude moral visível no corpo e, assim, definindo o valor da mulher" (p. 71). Ao ser estuprada, Lavínia deixa de representar o signo de poder do seu pai e do seu marido, assim há uma desestabilização do poder masculino. Essa desestabilização é reverberada na peça, sendo representada pela instabilidade do poder político em Roma.

De fato a morte é instaurada após a morte de Lavínia. O próprio pai a mata, proferindo: "Morra, Lavínia, e junto sua vergonha; / E com a vergonha morra a dor do pai." (V. iii,). Titus exerce então seu *poder pater*, a honra dos Andronicus é restaurada. Entretanto a discussão que mais me aflinge na história de Lavínia é extremamente contemporânea e se refere ao suposto direito que o Estado mantém sobre o corpo feminino.

O corpo violado da filha de Titus era um desvio à norma ideal feminina, por isso precisou ser castrado, podado, eliminado. Sara Mendelson e Patricia Crawford (1998) escrevem em *Women in Early Modern England 1550-1720*, que existiam três estereótipos que pareciam englobar toda a vida feminina: virgem, esposa, e viúva. Em que medida estes estereótipos ainda se enquadram quando pensamos as mulheres atualmente?

A mulher, por muito tempo se resumiu ao seu útero. A virgem, cujo útero é vazio. A esposa, mulher apta a ter filhos. A viúva, mulher que já deveria ter sido mãe. Simone de Beauvoir (2016) argumenta que a maternidade é uma construção social que determina o lugar da mulher na sociedade a partir de uma lógica masculina, favorecendo assim a dominação de um sexo pelo outro. Assim,

Com base nesta evidência, a crítica feminista considerava a experiência da maternidade como um elemento-chave para explicar a dominação de um sexo sobre outro: o lugar das mulheres na reprodução biológica — gestação, parto, amamentação e conseqüentes cuidados com as crianças — determinava a ausência das mulheres no espaço público, confinando-as ao espaço privado e à dominação masculina. (SCAVONE, 2001. p. 138)

A recusa a maternidade como obrigação natural foi o primeiro passo para à subversão a dominação masculina e o reconhecimento de outras potencialidades para além da maternidade. Na década de 1970, as mulheres francesas decidiram então ir as ruas reivindicando o direito a pílula contraceptiva e ao aborto, tendo como lema "un enfant, si je veux, quand je veux" (uma criança, se que quiser, quando eu quiser). Esse movimento é importante porque

interrompe a aceitação da maternidade compulsória. A mulher reivindica a capacidade de escolha. A mulher deixa de ser somente o útero - a maternidade - e pode se tornar sujeito de suas escolhas.

Quatro décadas após o movimento feminino francês para a emancipação feminina, a justiça brasileira ainda encontra formas de controlar o corpo feminino. Em 2013 o deputado Eduardo Cunha propôs o projeto de lei 5069.

Sob a justificativa que a legalização do aborto vem sido promovida no mundo por “organizações internacionais inspiradas por uma ideologia neo-maltusiana de controle populacional, e financiadas por fundações norte-americanas ligadas a interesses super-capitalistas”, o projeto de lei tem o texto nebuloso e provocou intenso debate pois substituiu o termo “profilaxia da gravidez”, referente a interrupção da gravidez, visto que a condição não é de doença, por “procedimento ou medicação, não abortivos, com eficiência precoce para prevenir gravidez resultante de estupro”. Esta modificação abre margem para que a pílula do dia seguinte pudesse não mais ser distribuída nos hospitais, pois, segundo as convicções¹ dos profissionais de saúde, poderiam ser consideradas abortivas, cabendo a ele decidir ou não por sua utilização. Cabe-se então ao profissional de saúde escolher pela mulher a utilização de um método que interrompa a fertilização, controlando-se o corpo feminino.

Outra proposta de emenda à constituição, ou melhor, uma alteração a PEC 181-A, de 2015, modificada este ano pelo deputado Jorge Tadeu, prevê também regular o corpo feminino não casto. A proposta inicial se referia à modificações da regulamentação da licença maternidade para mães de bebês prematuros, o texto já havia sido aprovado em Senado, entretanto o deputado alterou os artigos da constituição para garantir que a dignidade da pessoa e a garantia da inviolabilidade de direito à vida sejam assegurados desde a concepção.

Desta forma, reconhece-se o embrião desde sua concepção como ser vivo e o aborto configuraria como crime, mesmo nos casos hoje assegurados por

¹ Pois está escrito no PL 5069/2013: “Nenhum profissional de saúde ou instituição, em nenhum caso, poderá ser obrigado a aconselhar, receitar ou administrar procedimento ou medicamento que considere abortivo”

lei de estupro, onde a gravidez oferece risco a vida da mulher ou no caso de fetos acéfalos. Esta é uma forma de controlar mais severamente o corpo feminino, pois mesmo às mulheres violadas seria imposta a maternidade compulsória, como se o valor da mulher fosse definido pelo seu útero fertilizado e ela somente fosse um ser social enquanto mãe.

Essas formas de controle sobre o corpo violado feminino, que mesmo contra a vontade da mulher, pretendem transformá-la em mãe, são renovações do decepamento das mãos e língua de Lavínia. É retirar o poder de escolha e fala do sujeito. O corpo feminino violado ainda hoje é uma mácula para a sociedade, ao passo que a mulher mãe é um arquétipo conhecido. Uma imagem dócil e uma figura sobre a qual os governantes tem a concepção de controle. A figura da mulher precisa ser reafirmada como submissa para o bem-estar social, por isso tentam retirar de nós até mesmo o direito de escolha sobre a maternidade de um sêmen que nos violentou.

Utilizo o termo “nós” pois é necessário reconhecer, enquanto mulher, que precisamos nos colocar na ação enquanto Sujeito. Estar no mundo enquanto mulher, é ser o centro de centenas de anos de discursos sociais e arquétipos que foram construído socialmente, por homens, sobre a gente. Tudo isso é matéria potente para a criação dramática.

Somos Lavínias violadas, não por um ou dois homens (mas também por eles muitas vezes). Somos violadas por uma sociedade ainda machista e patriarcal. Sociedade esta que corta nossas mãos, nos impedindo de escrever nossas histórias. Que decepa nossas línguas nos impedindo de gritar. Mas tal como Lavínia de Shakespeare, encontramos nossa forma de nos expressar. Conhecemos a gramática do nosso sofrimento. Colocamos gravetos em nossas bocas e com o que resta de nossos braços escrevemos nossa história, denunciemos nossa violação, e às vezes, quando a dor encontra as palavras certas, isso vira arte.

Por esse abecedário da dor, estruturado a partir da personagem de Lavínia, surge um caminho para a escrita dramática que se configurará no projeto da minha dissertação. Busco na história da personagem o cerne para a

criação e vejo repercutir sua história em Lavínias modernas. E então a partir disto uma escrita germinal se anuncia, nasce e flui:

Sinto que minha vida toda foi uma bomba-relógio programada com muito pouco tempo entre a construção e o fim. É certo que o fim virá. Virá subitamente. Talvez mesmo agora no meio da minha fala. Impedindo-me de terminar uma sentença. Talvez o melhor seja me deitar sobre a terra e implorar para voltar ao útero de Gaya. Nascerão flores brancas e frágeis sobre o terreno do meu corpo. Elas serão macias. Delicadas. Com de uma brancura quase translúcida. Exalarão um cheiro sutil. E os homens as arrancarão com suas mãos brutas e em gestos violentos.

Referências Bibliográficas

BAINES, Barbara. **Effacing Rape In Early Modern Representation**. English Literary Handbook 65.1, 1998.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo**. Trad: Sergio Millet. 3ª Edição. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2016.

BERNARD, David Alexander, Rape and the Feminine Response in Early Modern England and Several Shakesporean Works. **University of Tennessee Honors Thesis Projects**. 2012.

http://trace.tennessee.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2482&context=utk_chanhonoproj Acessado em 01/07/17 às 18:01

HELLER, Sara; MENDELSON, Patricia. **Women in early modern England, 1550-1720**. Oxford, University Press, USA, 1998.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 16, p. 137-150, 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 16 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100008>.

SHAKESPEARE, **Titus Andrônicus**. Trad. Bárbara Heliodora. 2ª Edição. Rio de Janeiro, RJ: Lacerda Ed., 2013.

SMITH, Cristiane Busato. Shakespeare e o intertexto da violência feminina. **Tuiuti: Ciência e Cultura**, n. 41, p. 145-158, Curitiba, jan. - jun. 2009